

Recursos estilísticos e efeitos expressivos

Resumo

No que diz respeito ao trabalho com os **recursos estilísticos**, devemos levar em consideração que se trata de um ramo da linguística voltado para a análise de meios afetivo-expressivos da língua. Em outras palavras, seria o estudo destinado a um caráter mais descritivo e mais interpretativo que se pode obter a partir das possibilidades que a língua nos proporciona.

O resultado desse uso inventivo da língua é a criação expressiva individual, ou seja, os **efeitos expressivos**. É importante frisar que tais efeitos não se revelam absolutos; senão, relativos. Essa relativização dos efeitos expressivos decorre do contexto. O diminutivo, por exemplo, pode ter valor afetivo; no entanto, apenas a situação de seu uso poderá nos dizer se ele reforça a humildade do personagem, ou sugere a linguagem infantil, ou expressa o cuidado do rapaz com sua amada...

Por fim, é importante ressaltar que o recurso estilístico, em muitos casos, apresenta-se como uma forma de desvio em relação ao padrão normativo, explorando aspectos **fonéticos**, **lexicais** e **sintáticos**.

Fonético

Levaremos em consideração os recursos estilísticos fonéticos presentes na língua, verificando estreita relação entre o som e sua implicação expressiva dentro do contexto em que se insere.

Exemplo: *Os sinos*, de Manuel Bandeira:

Os sinos

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino do Bonfim!...
Sino do Bonfim!...

Sino de Belém, pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, pelos que lá vão!
Sino da Paixão, bate bão-bão-bão.
Sino do Bonfim, por quem chora assim?...

Sino de Belém, que graça ele tem!
Sino de Belém bate bem-bem-bem-bem.

(...)

Sino de Belém, como soa bem!
Sino de Belém, bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão... Por meu pai?... – Não! Não!...
Sino da Paixão bate bão-bão-bão.

Sino do Bonfim, baterás por mim?

Sino de Belém,
Sino da Paixão...
Sino da Paixão, pelo meu irmão...

Sino da Paixão,
Sino do Bonfim...
Sino do Bonfim, ai de mim, por mim!
Sino de Belém, que graça ele tem!

Temos a presença de figuras de sonoridade: aliteração e onomatopeia.

- Aliteração: repetição de fonemas idênticos ou parecidos no início de várias palavras na mesma frase ou verso, visando obter efeito estilístico → repetição do fonema consonantal /b/ reproduz, no plano sonoro, o tanger dos sinos.
- Onomatopeia: formação de uma palavra a partir da reprodução aproximada, com os recursos de que a língua dispõe, de um som natural a ela associado → Enquanto o segmento “bem-bem-bem” sugere o som metálico e alegre “pelos que inda vêm” (os batizados); o “bão-bão-bão”, o dobre de finados “pelos que lá vão” (os mortos).

Vejamos agora como a métrica também pode atuar expressivamente:

Tu, ontem,
Na dança
Que cansa,
Voavas
Co’as faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim.

Casimiro de Abreu

Perceba que o poema de Casimiro de Abreu fala de uma dança que desgasta fisicamente a mulher: a dança está, sonoramente, sugerida pela **métrica de duas sílabas** (versos dissílabos). Inclusive, provavelmente se trata de movimentos de dois passos que se repetem continuamente.

Entrando no semântico, o desgaste físico produzido por esses movimentos está expresso pela **metáfora** “rosas”, que, por isso, também apresenta expressividade no contexto em que foi utilizada.

As rimas também podem ser utilizadas como recursos expressivos. Observe:

Porto parado

No movimento
lento
das barcaças
amarradas
o dia,
sonolento
vai inventando as variações das nuvens...

QUINTANA, Mario. *Quintana de bolso*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

Lexical

No aspecto lexical, desta destacamos a utilização de determinados vocábulos em uma situação específica, com o intuito de estabelecer efeitos expressivos relevantes para a modificação da análise inicial de um texto. Vamos ao exemplo, novamente com uma poesia de Manuel Bandeira:

Jaime Cortesão

Honra ao que, bom português,
Baniram do seu torrão;
Ninguém mais que ele cortês,
Ninguém menos cortesão.

Manuel Bandeira

Note o jogo de palavras feito com a ausência e presença do sufixo "-ão" em cortês/cortesão, cujo intuito foi enfatizar o caráter de Jaime Cortesão e também fazer uma denúncia à perseguição que o vitimou.

Outra observação a ser feita sobre os recursos de natureza lexical diz respeito aos aspectos expressivos das palavras em termos semânticos e morfológicos que, porém, não podem ser completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais. Podemos notar a estilística em favor do valor afetivo e expressivo das diversas classes de palavras.

Eis um exemplo:

"Não quero a rosa que me dás, quero a rosa que tu és."

A metaforização do termo "flor" representa a conversão de um substantivo concreto em abstrato. A alusão à flor passa a valer das características que esse tipo de flor possui. Com isso, há uma relação entre o sentido denotativo e conotativo, determinantes para esse efeito expressivo.

Sintático

O terceiro e último recurso estilístico é o de natureza **sintática**. Vamos a um exemplo, retirado do texto de Machado de Assis:

"É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje **deixei ele** (e não deixei-o) na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo **na** (e não à) cidade".

Observe que, no trecho acima, retirado do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, capítulo LXVIII, os **desvios gramaticais se converteram em interessantes recursos estilísticos**. Todavia, o que devemos destacar é que essas transgressões possuem intencionalidade, haja vista que possuem um determinado efeito expressivo: reproduzir com fidelidade a fala do escravo Prudêncio. Sendo assim, a fala do escravo é caracterizada por alguém que não teve a oportunidade de obter educação regular em termos escolares.

Outra forma de manifestação do recurso estilístico de ordem sintática ocorre quando se constrói uma gradação sintático-semântica. Essa sequência – não mera enumeração – pode ser ascendente ou descendente em uma mesma sequência e demonstra uma intensidade gradativa, até o momento em que atingimos o clímax da construção. Eis dois exemplos:

Exemplo: "Tão **dura**, tão **áspera**, tão **injuriosa** palavra é um **Não**". (Padre Antônio Vieira)

Exemplo: "Eu era **pobre**. Era um **subalterno**. Era **nada**". (Monteiro Lobato)

Observe que, nos dois exemplos, a adjetivação foi utilizada com o intuito de criar uma gradação de intensidade, culminando no clímax de cada um dos períodos. No exemplo 1, notamos que o vocábulo “Não” é iniciado por letra maiúscula, o que auxilia no **efeito estilístico** produzido: a ênfase sobre o quão desagradável é determinada palavra. Por sua vez, o exemplo 2, por meio dos adjetivos “pobre” e “subalterno” e do pronome “nada”, apresenta a visão estereotipada que muitas vezes se realiza sobre as classes sociais desfavorecidas economicamente.

Por fim, cabe destacar que algumas figuras de linguagem, mais especificamente **de sintaxe**, também são representantes de **recursos expressivos sintáticos**. Exemplifiquemos algumas:

Polissíndeto

Repetição enfática de conjunção entre as orações do período ou dos termos de uma oração.

“Trabalha, **e** teima, **e** lima, **e** sofre, **e** sua”. (Olavo Bilac)

“O quinhão que me coube é humilde, pior do que isto: nulo. **Nem** glória, **nem** amores, **nem** santidade, **nem** heroísmo”. (Otto Lara Resende)

Assíndeto

Consiste na supressão de um conectivo estabelecido entre termos coordenados.

“A barca vinha perto, chegou, atracou, entramos.” (Machado de Assis)

Elipse

Omissão de um ou mais termos que ficam subentendidos na frase, embora reconhecíveis mediante o contexto em que se inserem.

“Na madrugada, (estou) abandonada, e não atende o celular” (Perlla)

Anáfora

Repetição de palavras no início de versos ou de frases para reforçar, dar coerência ou valorizar algum elemento da oração.

“**Como** no tanque de um palácio mago

Dois alvos cisnes na bacia lisa,

Como nas águas que o barqueiro frisa,

Dois nenúfares sobre o azul do lago [...]” (Castro Alves)

“**É** pau, **é** pedra, **é** o fim do caminho”. (Tom Jobim)

Anacoluto

Mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa, para a introdução de outra ideia

“**Umas carabinas** que guardava atrás do guarda-roupa, **a gente brincava com elas**, de tão imprestáveis”. (José Lins do Rego)

Silepse

Concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o seu sentido, com a ideia que elas expressam. Podem ser de três tipos:

- **De número:** Quando há uma palavra ou sujeito coletivo, que mesmo estando no singular, representa mais de um ser.
"Deu-me notícias da gente Aguiar; estão bons." (Machado de Assis)
"Coisa curiosa é gente velha. Como comem [os velhos]." (Aníbal Machado)
- **De gênero:** Quando há uma discordância entre feminino e masculino.
" – **Vossa Excelência** parece **magoadado**..." (Carlos Drummond de Andrade)
"É uma criança rebelde; os pais não podem com ele."
- **De pessoa:** Quando o sujeito aparece na 3ª pessoa e o verbo na 1ª pessoa do plural.
"Sós **os quatro velhos** – o desembargador com os três – **fazíamos** planos futuros." (Machado de Assis)
"No fundo **a gente** se consolava, **pensávamos** em nós mesmos. " (Aurano Dourado)
"Dizem que **os cariocas somos** pouco dados aos jardins públicos" (Machado de Assis).

Exercícios

1.



Oxímoro (ou paradoxo) é uma construção textual que agrupa significados que se excluem mutuamente. Para Garfield, a frase de saudação de Jon (tirinha abaixo) expressa o maior de todos os oxímoros. Nas alternativas abaixo, estão transcritos versos retirados do poema "O operário em construção". Pode-se afirmar que ocorre um oxímoro em:

- a) "Era ele que erguia casas/Onde antes só havia chão."
- b) "... a casa que ele fazia/Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão."
- c) "Naquela casa vazia/Que ele mesmo levantara/Um mundo novo nascia/De que sequer suspeitava."
- d) "... o operário faz a coisa/E a coisa faz o operário."
- e) "Ele, um humilde operário/Um operário que sabia/ Exercer a profissão."

2. Para o Mano Caetano

O que fazer do ouro de tolo

Quando um doce bardo brada a toda brida,

Em velas pandas, suas esquisitas rimas?

Geografia de verdades, Guanabaras postiças

Saudades banguelas, tropicais preguiças?

A boca cheia de dentes

De um implacável sorriso

Morre a cada instante

Que devora a voz do morto, e com isso,

Ressuscita vampira, sem o menor aviso

[...]

E eu soy lobo-bolo? lobo-bolo

Tipo pra rimar com ouro de tolo?

Oh, Narciso Peixe Ornamental!

*Tease me, tease me outra vez*¹

Ou em banto baiano

Ou em português de Portugal

De Natal

[...]

¹ Tease me: caçoe de mim, importune-me.

LOBÃO. Disponível em: <http://vagalume.uol.com.br>. Acesso em: 14 ago. 2009 (adaptado).

Na letra da canção apresentada, o compositor Lobão explora vários recursos da língua portuguesa, a fim de conseguir efeitos estéticos ou de sentido. Nessa letra, o autor explora o extrato sonoro do idioma e o uso de termos coloquiais na seguinte passagem:

- a) “Quando um doce bardo brada a toda brida” (v. 2)
- b) “Em velas pandas, suas esquisitas rimas?” (v. 3)
- c) “Que devora a voz do morto” (v. 9)
- d) “lobo-bolo//Tipo pra rimar com ouro de tolo?” (v. 11-12)
- e) “Tease me, tease me outra vez” (v. 14)

3. A Casa de Vidro

Houve protestos.

Deram uma bola a cada criança e tempo para brincar. Elas aprenderam malabarismos incríveis e algumas viajavam pelo mundo exibindo sua alegre habilidade. (O problema é que muitos, a maioria, não tinham jeito e eram feios de noite, assustadores. Seria melhor prender essa gente – havia quem dissesse.)

Houve protestos.

Aumentaram o preço da carne, liberaram os preços dos cereais e abriram crédito a juros baixos para o agricultor. O dinheiro que sobrasse, bem, digamos, ora o dinheiro que sobrasse!

Houve protestos.

Diminuíram os salários (infelizmente aumentou o número de assaltos) porque precisamos combater a inflação e, como se sabe, quando os salários estão acima do índice de produtividade eles se tornam altamente inflacionários, de modo que.

Houve protestos.

Proibiram os protestos.

E no lugar dos protestos nasceu o ódio. Então surgiu a Casa de Vidro, para acabar com aquele ódio.

ÂNGELO, I. *A casa de vidro*. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

Publicado em 1979, o texto compartilha com outras obras da literatura brasileira escritas no período as marcas o

contexto em que foi produzido, como a

- a) referência à censura e à opressão para alegorizar a falta de liberdade de expressão característica da época.
- b) valorização de situações do cotidiano para atenuar os sentimentos de revolta em relação ao governo instituído.
- c) utilização de metáforas e ironias para expressar um olhar crítico em relação à situação social e política do país.
- d) tendência realista para documentar com verossimilhança o drama da população brasileira durante o Regime Militar.
- e) sobreposição das manifestações populares pelo discurso oficial para destacar o autoritarismo do momento histórico.

4. Zefa, chegou o inverno!
 Formigas de asas e tanajuras!
 Chegou o inverno!
 Lama e mais lama!
 Chuva e mais chuva, Zefa!
 Vai nascer tudo, Zefa!
Vai haver verde,
verde do bom;
verde nos galhos, v
erde na terra,
verde em ti, Zefa!
 Que eu quero bem!
 Formigas de asas e tanajuras!
 O rio cheio,
 barrigas cheias,
 mulheres cheias, Zefa!

 trovão, corisco
 terras caídas,
 corgos [córregos] gemendo,
 os caborés piando, Zefa!
 Os cururus [sapos] cantando, Zefa!
 Dentro da nossa
 casa de palha:
 carne de sol
 chia nas brasas,
 farinha d'água,
 café, cigarro,
 cachaça, Zefa...
 ... rede gemendo...
 Tempo gostoso!
 Vai nascer tudo!

Nos versos em negrito encontramos a gradação, isto é, a exposição de uma sequência de ideias, neste caso, crescente. Este recurso da linguagem permitiu a Jorge de Lima destacar

- a) a força das águas que traz, ao mesmo tempo, alegria e destruição.
- b) o fim dos trabalhos na lavoura e o momento de, enfim, descansar.
- c) a cor dos frutos que já pendem das árvores prontos para amadurecer.
- d) a chegada de uma época de abundância vinda com o inverno.
- e) a surpresa do eu-lírico com a paisagem até então desconhecida.

5. Em volta da moça

Já então os dois gêmeos cursavam, um a Faculdade de Direito, em S. Paulo; outro a Escola de Medicina, no Rio. Não tardaria muito que saíssem formados e prontos, um para defender o direito e o torto da gente, outro para ajudá-la a viver e a morrer. Todos os contrastes estão no homem.

Não era tanta a política que os fizesse esquecer Flora, nem tanta Flora que os fizesse esquecer a política. Também não eram tais as duas que prejudicassem estudos e recreios. Estavam na idade em que tudo se combina sem quebra de essência de cada coisa. Lá que viessem a amar a pequena com igual força é o que se podia admitir desde já, sem ser preciso que ela os atraísse de vontade. Ao contrário, Flora ria com ambos, sem rejeitar nem aceitar especialmente nenhum; pode ser até que nem percebesse nada. Paulo vivia mais tempo ausente. Quando tornava pelas férias, como que a achava mais cheia de graça. Era então que Pedro multiplicava as suas finezas para se não deixar vencer do irmão, que vinha pródigo delas. E Flora recebia-as todas com o mesmo rosto amigo.

Note-se – e este ponto deve ser tirado à luz, – note-se que os dois gêmeos continuavam a ser parecidos e eram cada vez mais esbeltos. Talvez perdessem estando juntos, porque a semelhança diminuía em cada um deles a feição pessoal. Demais, Flora simulava às vezes confundi-los, para rir com ambos. E dizia a Pedro:

– Dr. Paulo!

E dizia a Paulo:

– Dr. Pedro!

Em vão eles mudavam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Flora mudava os nomes também, e os três acabavam rindo. A familiaridade desculpava a ação e crescia com ela. Paulo gostava mais de conversa que de piano; Flora conversava. Pedro ia mais com o piano que com a conversa; Flora tocava. Ou então fazia ambas as coisas, e tocava falando, soltava a rédea aos dedos e à língua.

Tais artes, postas ao serviço de tais graças, eram realmente de acender os gêmeos, e foi o que sucedeu pouco a pouco.

ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962.

Esaú e Jacó nos traz a narrativa sobre irmãos gêmeos – *Pedro e Paulo* –, muito diferentes, a não ser pela aparência física e pelo amor que dedicam a uma mesma mulher – *Flora*.

No trecho apresentado, o narrador expressa um ponto de vista determinado sobre os sentimentos de Flora em relação aos gêmeos. Esses sentimentos podem ser caracterizados por:

- a) descaso e manipulação
- b) desorientação e simpatia
- c) ambiguidade e frivolidade
- d) ambivalência e inocência

6. Em algumas passagens, o texto de Machado de Assis apresenta teses às quais se juntam oposições – antíteses. Essa fusão, por sua vez, transforma-se em síntese. Um exemplo de síntese está presente no seguinte fragmento:
- a) “Estavam na idade em que tudo se combina sem quebra de essência de cada coisa.” (2º parágrafo)
 - b) “Lá que viessem a amar a pequena com igual força é o que se podia admitir desde já,” (2º parágrafo)
 - c) “Demais, Flora simulava às vezes confundi-los, para rir com ambos.” (3º parágrafo)
 - d) “Em vão eles mudavam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda.” (7º parágrafo)
7. “Não tardaria muito que saíssem formados e prontos, um para defender o direito e o torto da gente, outro para ajudá-la a viver e a morrer.” (1º parágrafo)
- Na passagem destacada, foram explorados diferentes recursos retóricos. Dois desses recursos podem ser identificados como:
- a) metonímia e metáfora
 - b) antítese e pleonismo
 - c) paradoxo e ironia
 - d) anáfora e alusão

8. O negócio

Grande sorriso do canino de ouro, o velho Abílio propõe às donas que se abasteçam de pão e banana:

– Como é o negócio?

De cada três dá certo com uma. Ela sorri, não responde ou é uma promessa a recusa:

– Deus me livre, não! Hoje não...Abílio interpelou a velha:

– Como é o negócio?

Ela concordou e, o que foi melhor, a filha também aceitou o trato. Com a dona Julietinha foi assim. Ele se chegou:

– Como é o negócio?

Ela sorriu, olhinho baixo. Abílio espreitou o cometa partir. Manhã cedinho saltou a cerca. Sinal combinado, duas batidas na porta da cozinha. A dona saiu para o quintal, cuidadosa de não acordar os filhos. Ele trazia a capa da viagem, estendida na grama orvalhada.

O vizinho espionou os dois, aprendeu o sinal. Decidiu imitar a proeza. No crepúsculo, pum-pum, duas pancadas fortes na porta.

O marido em viagem, mas não era de dia do Abílio. Desconfiada, a moça chegou à janela e o vizinho repetiu:

– Como é o negócio? Diante da recusa, ele ameaçou:

– Então você quer o velho e não quer o moço? Olhe que eu conto!

TREVISAN, D. Mistérios de Curitiba. Rio de Janeiro: Record, 1979 (fragmento).

Quanto à abordagem do tema e aos recursos expressivos, essa crônica tem um caráter

- a) filosófico, pois reflete sobre as mazelas sofridas pelos vizinhos.
- b) lírico, pois relata com nostalgia o relacionamento da vizinhança.
- c) irônico, pois apresenta com malícia a convivência entre vizinhos.
- d) crítico, pois deprecia o que acontece nas relações de vizinhança.
- e) didático, pois expõe uma conduta ser evitada na relação entre vizinhos.

9. Metáfora

Uma lata existe para conter algo,
Mas quando o poeta diz: “Lata”
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo,
Mas quando o poeta diz: “Meta”
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata

Na lata do poeta tudo não cabe,
Pois ao poeta cabe fazer

Com que na lata venha caber
O incabível

Deixe a meta do poeta não discuta,
Deixe a sua meta fora da disputa Meta
dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora.

Gilberto Gil. Disponível em: <<http://www.lettras.terra.com.br>>. Acesso em: 5 fev. 2009.

A metáfora é a figura de linguagem identificada pela comparação subjetiva, pela semelhança ou analogia entre elementos. O texto de Gilberto Gil brinca com a linguagem remetendo-nos a essa conhecida figura. O trecho em que se identifica a metáfora é:

- a) “Uma lata existe para conter algo”.
- b) “Mas quando o poeta diz: ‘Lata’”.
- c) “Uma meta existe para ser um alvo”.
- d) “Por isso não se meta a exigir do poeta”.
- e) “Que determine o conteúdo em sua lata”.

10. O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
 nesta manhã de Ipanema
 não foi produzido por mim
 nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
 Vejo-o puro
 e afável ao paladar
 como beijo de moça, água
 na pele, flor
 que se dissolve na boca. Mas este açúcar
 não foi feito por mim.
 Este açúcar veio
 da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
 [dono da mercearia.
 Este açúcar veio
 de uma usina de açúcar em Pernambuco
 ou no Estado do Rio
 e tampouco o fez o dono da usina.
 Este açúcar era cana
 e veio dos canaviais extensos
 que não nascem por acaso
 no regaço do vale.
 (...)

 Em usinas escuras,
 homens de vida amarga
 e dura
 produziram este açúcar
 branco e puro
 com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

Ferreira Gullar. *Toda Poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 227-8.

A antítese que configura uma imagem da divisão social do trabalho na sociedade brasileira é expressa poeticamente na oposição entre a doçura do branco açúcar e

- a) o trabalho do dono da mercearia de onde veio o açúcar.
- b) o beijo de moça, a água na pele e a flor que se dissolve na boca.
- c) o trabalho do dono do engenho em Pernambuco, onde se produz o açúcar.
- d) a beleza dos extensos canaviais que nascem no regaço do vale.
- e) o trabalho dos homens de vida amarga em usinas escuras.

Gabarito

1. **B**
A liberdade ser, ao mesmo, tempo escravidão é um paradoxo. Desse modo, é constituída a relação de Garfield.
2. **D**
A alternativa D é a única que explora termos coloquiais e deixa clara a intenção de rima. As demais demonstram aliterações, assonâncias e metáforas.
3. **C**
O texto literário utiliza-se de metáforas e ironias para expressar a censura do período de ditadura militar vivido no país.
4. **D**
O inverno simboliza a chegada de bons elementos. “do bom”, “verde em ti”.
5. **D**
Flora tratava os irmãos da mesma maneira, ria com os dois, conversava com os dois sem rejeitar nem aceitar especialmente nenhum.
6. **A**
As duas premissas iniciais são os dois períodos anteriores: Não era tanta a política que os fizesse esquecer Flora, nem tanta Flora que os fizesse esquecer a política. Também não eram tais as duas que prejudicassem estudos e recreios.
7. **C**
Há a presença de paradoxo em “ajudar a viver e a morrer” e também de ironia nas formações dos jovens.
8. **C**
O texto tematiza a questão da inveja e da cobiça, além da fofoca e interesse pela vida dos outros. As temáticas se relacionam dentro de um contexto de vizinhança.
9. **E**
Lata assume diferentes significados. De objeto, de mente, de pensamentos.
10. **E**
A oposição acontece no seguinte fragmento: Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema